

# **A influência da L1 no processo de aquisição da L2: um estudo sobre a transferência de parâmetros morfológicos e sintáticos**

*Ana Sofia Rodrigues dos Santos*

Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Manchester

## **Abstract**

This investigation will analyse the role played by the L1 in L2 acquisition, in particular morphological and syntactical parameter-transfer from Tétum into the preliminary and advanced state grammars of Portuguese. This study considers different L2 grammar hypotheses, conditioned or not by UG, which will be assessed, examining expressly the L1 influence on subject realization and on verbal inflection. Our results indicate that the transfer of these L1 features occurs in the preliminary state and that these features have already been acquired in the advanced state of L2 acquisition, which leads us into validating the Full Access / Full Transfer Hypothesis.

**Keywords/Palavras-chave:** PF /PSL teaching methodologies/ metodologias de ensino PLE/PL2, PFL/PSL textbooks/ manuais escolares PLE/PL2, East Timor/ Timor-Leste, SL acquisition/ aquisição L2.

## **1. Fundamentação teórica**

Um dos principais objectivos deste estudo, senão o objectivo principal, é investigar e demonstrar os efeitos da influência da L1 (Tétum) nas primeiras fases e nas fases mais avançadas de aprendizagem da L2 (Português), nomeadamente no que toca à transferência das propriedades inerentes ao Parâmetro do Sujeito Nulo, durante estes estádios de aprendizagem diferentes, condicionada ou não pelo recurso à Gramática Universal (GU). Para proceder a tal estudo, devemos, assim, alongar-nos por breves momentos nas hipóteses teóricas que o emolduram.

A investigação na área da *Aquisição da Língua Segunda* faz, naturalmente, parte do ramo da Linguística, nomeadamente aquele que está directamente associado à teoria generativa de Noam Chomsky. Este linguista tem trabalhado, desde a segunda metade do século XX e até à actualidade, na natureza intrínseca das gramáticas mentais de falantes nativos. Assim, na sua *Teoria da Gramática Universal*<sup>1</sup>, ele assume que grande parte do que compõe as gramáticas das línguas humanas é de natureza fixa e inata, não sendo possível que tudo o que adquirimos provenha simplesmente de um *input*

---

<sup>1</sup> Cf. CHOMSKY (1981).

linguístico. Neste sentido, Chomsky concebe uma teoria em que defende que as línguas humanas assentam todas sobre um mesmo molde, isto é, existe uma *Gramática Universal* que subjaz de forma comum às gramáticas particulares de cada uma das línguas. No entanto, para este linguista, há obviamente variação entre as diversas línguas, variação esta que se enquadra, todavia, dentro de certos limites, os quais são especificados através do que Chomsky (1981) denominou por “princípios” e “parâmetros”.

Para distinguirmos estes dois conceitos, atentemos no que nos indica Towell (1994) sobre estas noções chomskianas:

“*Principles* are the universal design features of human language, and the research of linguistics is to uncover and describe those principles. Principles are invariant. *Parameters*, by contrast, are the limited possibilities for variation allowed within the principles of UG. A parameter will have two or more values, and particular languages will make different choices among the values allowed by the parameter.”<sup>2</sup>

No seguimento desta ideia, podemos admitir que há “princípios” que são universais e invariáveis, enquanto existem “parâmetros” que lhes estão associados e cuja variação é permitida dentro dos limites sancionados por esses mesmos princípios. Segundo a teoria chomskiana, torna-se, assim, possível que um falante adquira a sua L1, não só através do *input* linguístico que recebe, mas também através do acesso aos princípios e parâmetros da GU.

Contudo, será isto também o que se passa, no tocante ao processo de aquisição de L2? Para responder a esta questão, deverá considerar-se se os aprendentes de L2 têm um acesso contínuo à GU, se acedem à sua gramática de L1 ou se utilizam outra espécie de mecanismos de aquisição, para construírem a sua gramática de L2. De facto, muitas têm sido as hipóteses formuladas no tocante a esta construção e, embora todas as hipóteses sejam formuladas dentro do enquadramento fornecido pela abordagem teórica dos princípios e parâmetros da GU, elas representam concepções diferentes quanto à natureza da gramática da L2.

A questão a que se impõe responder, neste momento, incide sobre o papel que, então, a L1 desempenhará no processo de aquisição da L2, tal como aponta Liceras (1989):

“The question then is whether L2 learners start with their L1 setting of a given parameter and eventually reset it to the L2 option or whether the L1 setting does not play a role in the acquisition process. In other words, we face the traditional problem of the role of the mother tongue on L2 acquisition, but in parameterized terms.”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> TOWELL (1994), p.61.

<sup>3</sup> LICERAS (1989), p.109.

Neste estudo, como base teórica, examinámos três hipóteses para a construção das gramáticas de L2, nomeadamente as hipóteses concebidas por Bley-Vroman e Yoshinaga (1992), por Vainikka e Young-Scholten (1994, 1996) e ainda por Schwartz e Sprouse (1994, 1996). Embora todas estas hipóteses se enquadrem, como acima referimos, na abordagem teórica dos princípios e parâmetros da GU, elas apontam diferentes caminhos no que respeita à construção da gramática de L2. Poderíamos, contudo, ter considerado para a nossa análise outras hipóteses teóricas. Todavia, estas hipóteses são as que nos oferecem diferenças claras, no que concerne ao tratamento do Parâmetro do Sujeito Nulo, o qual representa o centro da nossa análise, e que, por isso, se impuseram como as hipóteses relevantes para o nosso estudo, o qual tem em vista a confirmação de uma delas, após a observação dos resultados obtidos durante a análise.

A primeira hipótese do processo de aquisição de L2 considerada designa-se por Hipótese da Diferença Fundamental (*Fundamental Difference Hypothesis*) e foi concebida por Bley-Vroman e Yoshinaga em 1992. Segundo esta hipótese (não condicionada pela GU), a aquisição da L2 é efectuada de forma completamente díspar da aquisição da L1, visto que a aquisição da L2 é feita através de acesso à L1 e de processos cognitivos gerais, não existindo, portanto, acesso à GU e não sendo, assim, possível refixar parâmetros, como nos comprova Lydia White (2003), ao comentar esta hipótese:

“This is achieved by means of what is often called pattern matching: the learner concentrates on surface properties, unconsciously taking account of similarities and differences across various linguistic forms.”<sup>4</sup>

A segunda hipótese abordada é a Hipótese das Árvores Mínimas (*Minimal Tree Hypothesis*), desenvolvida por Vainikka e Young-Scholten em 1994 e reformulada em 1996. De acordo com esta hipótese, o estágio inicial de aquisição da L2 corresponde a parte da gramática da L1, sendo apenas as categorias lexicais transferidas para a L2. As categorias funcionais não são, assim, transferidas para a L2, o que traduz um acesso parcial à L1. No entanto, esta hipótese prediz um acesso pleno à GU ao longo do processo de construção da gramática de L2.

Por fim, considerámos a Hipótese do Acesso Pleno / Transferência Plena (*Full Access / Full Transfer Hypothesis*) desenvolvida por Schwartz e Sprouse em 1994 e, também, reformulada em 1996. Segundo esta hipótese, o estágio inicial de aquisição da L2 é igual ao estágio final de aquisição da L1, isto é, sempre que existe *input* linguístico da L2, o falante vai analisá-lo com base na sua Gramática da L1. Quando este *input* é incompatível com a sua L1, o falante vai reestruturar a sua Gramática de Interlíngua com recurso à GU, como atesta Lydia White (2003):

“The interlanguage initial state is entirely based on the L1 grammar. Restructuring takes place in response to L2 input, within the bounds sanctioned by UG.”<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> WHITE (2003), p.101.

<sup>5</sup> WHITE (2003), p.268.

Estando, assim, explanadas as hipóteses do processo de aquisição de L2 consideradas para esta análise, passemos, de seguida, a abordar brevemente o estatuto da Língua Portuguesa (LP) e do Tétum em Timor-Leste e, posteriormente, a observar em concreto a variante europeia da LP, por oposição ao Tétum<sup>6</sup>, no tocante às propriedades morfológicas e sintácticas em estudo.

## 2. Breve abordagem ao estatuto do Português e do Tétum em Timor-Leste

A história passada, presente e, seguramente, futura de Timor-Leste espelha claramente o enlaçar profundo das culturas maubere e portuguesa (entre outras) no território. Este enlace é reforçado de uma forma mais consistente e profunda através da comunhão da Língua Portuguesa, língua esta que foi elevada a língua oficial, por razões que se prendem mormente com a memória cultural e histórica dos timorenses.

A memória colectiva é, efectivamente, uma componente com verdadeira importância para a noção de identidade nacional, tendo sido reforçada de forma decisiva pelos acontecimentos vividos em Timor-Leste entre os anos de 1974 e 1999. Tendo os antigos colonizadores “oferecido” ao país a possibilidade de obter a independência, os violentos conflitos, que eclodiram entre os partidos políticos timorenses, serviram de pretexto para a invasão e ocupação da nação pela Indonésia em 1975. Os acontecimentos seguintes foram ainda mais decisivos para a formação da memória colectiva, visto que todo o povo timorense viveu na pele a brutalidade de uma das mais cruéis ocupações militares de um território por um país estrangeiro. Na verdade, o uso da força bruta e o desrespeito pelos usos e costumes culturais timorenses pelo invasor contribuíram para dar um sentido colectivo à resistência, a qual utilizou, entre outros instrumentos, a Língua Portuguesa como baluarte da sua luta pela independência. Este feito foi alcançado em 1999, após a realização de um referendo pela Organização das Nações Unidas (ONU), cuja decisão foi oficializada a 20 de Maio de 2002, com a criação do, na altura, mais jovem país do Mundo.

Após a independência nacional, criou-se uma comissão especial da ONU – a UNTAET – para se efectuar a transição do território para um Governo e um Parlamento nacionais. Por conseguinte, a partir da entrada da ONU em Timor-Leste, inúmeros estrangeiros aportaram ao território, o que transformou a sociedade timorense, mais do que antes, num verdadeiro «*melting pot*» de línguas, origens e culturas.

A cultura timorense sofreu, efectivamente, ao longo dos tempos, influências várias, provenientes do próprio continente asiático onde se insere, do continente europeu e de outros continentes, cujos cooperantes (voluntários ou não) aportaram ao território nacional. Esta presença multicultural no país influenciou profundamente, para além da população, as línguas nacionais.

Com efeito, existe uma considerável diversidade de línguas e de dialectos no território de Timor-Leste. Das 16 línguas existentes, as mais faladas são o *Tétum*, o *Mambae*, o *Tokodede*, o *Kemak*, o *Fataluku*, o *Galoli*, o *Makasae* e o *Bunak*, sendo que,

---

<sup>6</sup> Note-se que, quando que nos referimos ao Tétum, nos focamos especificamente na variante do Tétum-Dili.

quando os portugueses aportaram à ilha no século XV, já o Tétum se tinha assumido como língua de comunicação entre os múltiplos reinos. Este estatuto do Tétum foi reforçado durante o período da presença portuguesa, tornando-se a língua franca por excelência, mas a língua de administração ou por esta imposta era o Português, que passou a ser usado por uma reduzida percentagem de timorenses em diferentes regiões. Durante este período, assistiu-se a uma grande interacção entre as duas línguas, tendo o Tétum absorvido diverso vocabulário da Língua Portuguesa, o qual passou a ser utilizado diariamente. Assim, nesta altura era o ensino do Português realizado ao nível de língua materna, sendo a maioria da população bilingue e, por vezes, trilingue, tendo em conta a língua do seu distrito de origem, o Tétum e ainda o Português.

Durante a ocupação indonésia, sobretudo a partir da década de oitenta, a Língua Portuguesa tornou-se *lingua non grata*, desconhecida e repudiada pelos indonésios, transformando-se na língua da resistência armada. O mesmo é confirmado por Carvalho (2001) no excerto que se segue:

“(…) Sobretudo, foi a língua da resistência, rede comunicativa de maior valor simbólico.”<sup>7</sup>

Por imposições políticas, o *Bahasa Indonesia* passou a ser a língua oficial em Timor-Leste e o Tétum tornou-se na língua da Igreja Católica. Nesta altura, o Português passou a ser falado apenas em determinados contextos muito restritos: em casa (clandestinamente e maioritariamente pelas camadas mais velhas, educadas no período colonial português); na missa da única igreja em Díli que dele não abdicou – a Igreja de Motael; na resistência armada, como referimos; e em alguns registos escritos. Na escola, apenas o *Bahasa Indonesia* passou a ser ensinado, sendo falado pelos alunos a par do Tétum e das línguas dos seus distritos de origem ou dos distritos dos seus ascendentes.

Aquando da independência, os timorenses optaram, em primeiro lugar, por manter o Tétum e também por elevar o Português a língua oficial (em lugar do Inglês ou do *Bahasa Indonésia*), escolhendo, simultaneamente, aderir à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Para justificar a opção pela língua de Camões, o povo timorense apelou a valores culturais e históricos, os quais estão profundamente relacionados com a sua própria memória colectiva, como atesta Batoréo (2007a):

«(...) a escolha da Língua Portuguesa como língua oficial de Timor-Leste (...) é vista pelas próprias autoridades timorenses não apenas em função do grande enraizamento da herança histórico-cultural portuguesa, mas também (e sobretudo) por uma decisão político-estratégica de marcar a identidade nacional timorense diante da Indonésia e da Austrália e de ressaltar a sua especificidade no contexto regional do Sudoeste Asiático e Oceânia.»<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> CARVALHO (2001), p.70.

<sup>8</sup> BATORÉO (2007a), p.4.

### 3. A realização do Sujeito e a flexão verbal em Português Europeu e em Tétum

A existência da posição de Sujeito em todas as orações é um princípio assumido na GU, tendo este princípio sido postulado por Chomsky (1981) com a designação de *Extended Projection Principle*. Ora, a existência dessa posição é visível em qualquer língua e, como mostramos através dos seguintes exemplos, também o é naturalmente no Português Europeu e no Tétum<sup>9</sup>:

- ✓ Eu falo Indonésio.
- ✓ Ha'u ko'alia lian Indonesio.

No entanto, as línguas diferem quanto à obrigatoriedade ou não de realização lexical do Sujeito – Parâmetro do Sujeito Nulo. A este parâmetro estão associadas diversas propriedades, entre as quais a riqueza morfológica da flexão verbal e a possibilidade de ocorrência de Sujeitos pronominais não expressos. Assim, o Português assume-se como uma língua que admite construções com *Sujeito Nulo*, sendo que as construções em que a posição de Sujeito não é realizada são construções gramaticais.

- ✓ ∅ Falo Indonésio.

Por outro lado, o Tétum é uma língua em que essas mesmas construções são construções agramaticais, exigindo sempre esta língua que o *Sujeito* seja *Realizado*.

- ✓ ∅ Ko'alia lian Indonesio.

De facto, a possibilidade da existência de *Sujeitos Nulos* em Português está intimamente relacionada com a concordância da flexão verbal Sujeito-Verbo que a mesma realiza. A título de exemplo, vejamos o Presente Simples do Indicativo do verbo “falar” em ambas as línguas.

A Língua Portuguesa distingue seis morfemas verbais: 1ª, 2ª e 3ª pessoas e números singular e plural. Assim, mesmo com a posição de Sujeito não sendo realizada, as orações em Português são gramaticais (ainda que possam, por vezes, ser ambíguas), visto que a flexão verbal nos dá indicações em relação ao Sujeito que não se produz.

	<u>Português</u>		<u>Tétum</u>
	Falo	Ha'u	ko'alia
	Falas	Ita / O	ko'alia
	Fala	Nia	ko'alia
	Falamos	Ita / Ami	ko'alia
	Falais	Imi	ko'alia
	Falam	Sira	ko'alia

Figura 1 – O Presente Simples do Indicativo do verbo “falar” em Português Europeu e em Tétum.

<sup>9</sup> Recordamos que, em relação a esta última língua, tomamos sempre em consideração a variante do Tétum-Dili.

Por seu turno, como acabamos de ver, o Tétum é uma língua com uma flexão verbal pobre, não existindo qualquer variação de pessoa ou de número na conjugação do verbo. As indicações em relação ao Sujeito são-nos dadas, assim, através da realização do mesmo. Isto mesmo nos confirma o linguista Geoffrey Hull (2005):

“O tétum-praça está desprovido de inflexão verbal. A pessoa e o número são marcados apenas pela presença de pronomes ou substantivos sujeitos. Como faltam na língua inflexões verbais, a ordem das palavras – e em particular a colocação dos verbos numa frase – é uma parte muito importante da gramática tétum. (...) No tétum-praça comum, estas formas inflectidas são desconhecidas e todos os verbos são completamente invariáveis, i.e., eles nunca mudam de forma segundo a pessoa.”<sup>10</sup>

#### 4. Antecipação dos resultados possíveis, considerando as predições das hipóteses teóricas investigadas

Ao verificar-se a Hipótese da Diferença Fundamental (*Fundamental Difference Hypothesis*) de Bley-Vroman e Yoshinaga (1992), nas primeiras fases de aquisição de Português, os textos recolhidos evidenciarão a transferência das propriedades sintáticas e morfológicas investigadas a partir do Tétum, ou seja, os Sujeitos serão sempre realizados e, no tocante à flexão verbal, poder-se-á esperar dificuldades na realização da flexão da concordância, que se poderão traduzir na utilização recorrente de infinitivos ou em outros desvios. No estágio mais avançado, os textos produzidos pelos alunos poderão demonstrar a aquisição das duas propriedades ou a aquisição de uma propriedade e da outra não, por exemplo, uma vez que esta hipótese prevê que as propriedades podem ser adquiridas individualmente e não por aquisição do parâmetro que as determina.

Por outro lado, se comprovarmos a Hipótese das Árvores Mínimas (*Minimal Trees Hypothesis*) de Vainikka e Young-Scholten (1994, 1996), nas fases menos avançadas de aquisição de Português, os textos recolhidos evidenciarão a transferência apenas de categorias lexicais a partir do Tétum, ou seja, as categorias funcionais, que determinam a realização do Sujeito e as propriedades da flexão verbal, não serão transferidas. No estágio mais avançado, esta hipótese prevê que os textos produzidos pelos alunos traduzam a aquisição plena das propriedades em estudo através do acesso à GU, uma vez que não há acesso à L1 relativamente a estas propriedades.

Finalmente, ao verificarmos a Hipótese do Acesso Pleno / Transferência Plena (*Full Access / Full Transfer Hypothesis*) de Schwartz e Sprouse (1994, 1996), no nas primeiras fases de aquisição de Português, os textos recolhidos evidenciarão a transferência das propriedades sintáticas e morfológicas investigadas a partir do Tétum, ou seja, os Sujeitos serão sempre realizados e, no tocante à flexão verbal, poder-se-á esperar dificuldades na realização da flexão da concordância, que se poderão traduzir na utilização recorrente de infinitivos ou em outros desvios. No estágio mais

---

<sup>10</sup> HULL (2005), p. 93.

avanzado, os textos produzidos pelos alunos dar-nos-ão conta de uma reestruturação do parâmetro em estudo, ou seja, os textos demonstrarão um maior domínio no que respeita aos Sujeitos Nulos, uma conjugação verbal mais proficiente e uma inclusão verbal em estruturas com verbos de cópula, tendo-se acedido, assim, à GU sempre que as propriedades em estudo não correspondam à gramática do Tétum.

## 5. Metodologia

A presente investigação teve como base de análise dois grupos de informantes distintos, os quais eram, no ano lectivo de 2004/2005, alunos da UNTL.

O primeiro grupo resume-se a um conjunto de vinte alunos da disciplina de *Língua Portuguesa I*, entre os 18 e os 20 anos, que começaram a aprender Português entre os 16 e os 18 anos de idade. Estes alunos realizaram o seu processo de aprendizagem formal no Ensino Básico durante o regime indonésio e, quando começaram a frequência do Ensino Secundário, Timor-Leste tornou-se numa nação independente, elevando a LP a língua oficial, a par do Tétum. Assim, durante os três anos de Ensino Secundário, estes alunos aprenderam já o Português como língua estrangeira. No entanto, ao chegarem à Universidade, o seu conhecimento da língua era simplesmente nulo, dado o inexistente contacto com a mesma fora do contexto de sala de aula e dado, mesmo neste contexto, o contacto ser muito deficiente, em virtude da falta de preparação dos docentes e da falta de materiais didácticos de qualidade. Desta forma, aquando da frequência da cadeira de *Língua Portuguesa I*, podemos assumir que os alunos estavam, efectivamente, nas primeiras fases de aquisição da língua.

Por sua vez, o segundo grupo encerrava características completamente divergentes, visto que eram vinte alunos entre os 40 e os 55 anos, os quais começaram a aprender Português na infância e já se encontravam num estágio avançado de aquisição da língua. Este conjunto de alunos frequentava a disciplina de *Língua Portuguesa V*, que integra o último ano da licenciatura. Estes alunos realizaram todo o seu processo de aprendizagem formal durante o regime português e, na altura desta recolha, ou seja, após a ocupação indonésia e a independência timorense, já tinham voltado a estudar, desta feita a nível universitário, para no futuro serem professores licenciados de Português. Deste modo, podemos depreender que, para este segundo grupo de alunos, que já aprendiam o Português há cerca de 40 anos, esta língua se assumia claramente como LS, a qual era inclusivamente utilizada de forma natural para comunicarem entre si.

No seguimento desta pesquisa, procedeu-se à recolha de 20 textos escritos por cada um destes grupos, no início do ano lectivo acima referido. Ao primeiro grupo propôs-se que tentassem dar a conhecer Timor-Leste à professora recém-chegada, descrevendo o país em aspectos muito genéricos que ficariam à sua consideração. Quanto ao segundo grupo, sugeriu-se que tentassem também dar a conhecer o território à professora que tinha acabado de chegar, mas poderiam fazê-lo através da descrição do país em aspectos muito genéricos, através da descrição da sua rotina diária, através do reconto de lendas da tradição oral ou através de um relato das atracções turísticas a visitar, das iguarias gastronómicas e das tradições locais. O leque de alternativas foi mais alargado para os alunos do segundo grupo, visto terem um conhecimento mais



amplo tanto da realidade timorense, como do vocabulário da língua, o que lhes permitia uma maior maturidade nos textos a redigir de acordo com o requisitado.

## 6. Apresentação e análise dos resultados

Numa fase posterior à da textualização e entrega dos textos pelos alunos, passámos então à averiguação comparativa dos resultados obtidos tanto pelos alunos do primeiro, como pelos alunos do segundo grupo. Como poderíamos prever, os alunos do primeiro grupo, pela sua falta de vocabulário, redigiram textos mais curtos do que os alunos do segundo grupo, o que nos leva a reconhecer à partida uma maior confiança por parte destes últimos na escrita de textos em LP, sentimento esse proveniente de um melhor domínio das estruturas gramaticais e do léxico da língua. Assim, em 20 textos produzidos por cada grupo, obtivemos um total de 263 orações no primeiro e uma soma de 624 orações no segundo grupo, orações estas que constituíram a base para a nossa investigação.

No que respeita à realização do Sujeito, o primeiro grupo, como vemos pela tabela que se segue, produz o Sujeito em 224 orações (85%) e não o realiza em 39 orações (15%). Quanto ao segundo grupo, este realiza o Sujeito em 432 orações (69%) e não o produz em 192 orações (31%).

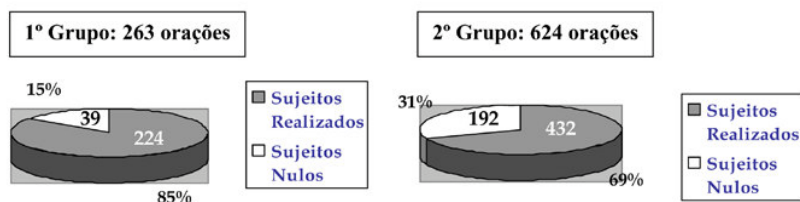


Figura 2 – Resultados obtidos quanto à realização do Sujeito.

No tocante à concordância verbal, o primeiro grupo conjuga o verbo adequadamente em 149 orações (57%) e com erros em 114 orações (43%). Dos erros observados, 78 correspondem a erros de concordância (68%), 20 à utilização de infinitivos (18%) e ainda 16 a omissões do verbo, quando se trata de um verbo de cópula (14%).

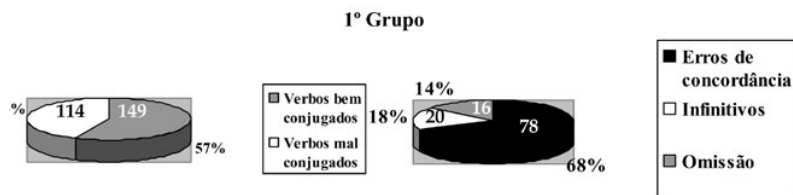


Figura 3 – Resultados obtidos no primeiro grupo quanto à concordância verbal.

Já no segundo grupo estudado, a situação altera-se substancialmente, sendo que 584 verbos são bem conjugados (94%) e apenas 40 registam erros (6%). Destes 40 verbos mal conjugados, 31 correspondem a erros de concordância (77%), apenas 1 respeita ao uso de infinitivos (3%) e 8 a omissões do verbo (20%).

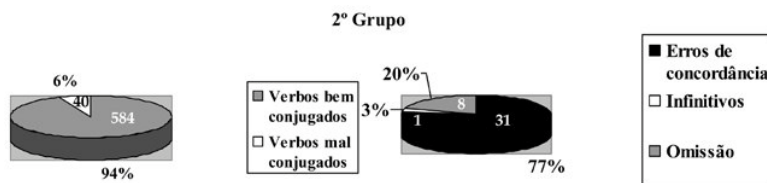


Figura 4 – Resultados obtidos no segundo grupo quanto à concordância verbal.

Passemos de seguida à análise destes resultados com um olhar mais atento. No primeiro grupo de informantes, podemos observar que os alunos raramente optam por orações com Sujeito Nulo, preferindo a repetição constante do Sujeito para que surja sempre realizado: «Timor-Leste fazer independência no dia 20 Maio. Timor-Leste tem muito história. Timor-Leste tem ocupação portuguesa 250 anos e na ocupação indonésia 24 anos. Timor-Leste tem 13 distritos e 64 suco.»

Nas orações em que nos deparamos com Sujeitos Nulos, estes ocorrem apenas em frases com orações coordenadas em que há co-referência do Sujeito, como por exemplo: «Timor-Leste é um país pequeno mas tem muitas riquezas.»

No que concerne à concordância verbal, esta apresenta-se como muito deficiente, sendo quase igual a percentagem entre verbos bem conjugados (57%) e verbos mal conjugados (43%): «Timor-Leste é a minha nação que tive independência no ano 2002.» Esta última percentagem revela, para além de muitos erros de concordância verbal (68%) – por exemplo de pessoa e número – uma grande percentagem de infinitivos (18%): «Os estrangeiros viver em Díli, porque em Díli tenho muito departamento de trabalhar.»

Apraz ainda salientar que a omissão verbal (14%) ocorre em orações com verbos de cópula, como podem ilustrar os seguintes 3 exemplos: «Timor não frio e não quente mas normal.»; «As pessoas de Timor muito simpática e amiga.»; «As pessoas saber que Timor já independente.»

Em relação ao segundo grupo analisado, é de notar que os alunos optam constantemente por orações com Sujeito Nulo, evitando a repetição sucessiva do mesmo Sujeito: «O povo timorense sofreu tanto a invasão da Indonésia e perdeu tudo a sua riqueza portanto agora é que começa a reconstruir toda a destruição que aconteceu no ano de 1999.»

O Sujeito Nulo ocorre já em frases com orações mais complexas, em que se verifica a existência deste tipo de Sujeito em situações de inversão, como se verifica nos exemplos: «Estavam ali alguns macacos.»; «E assim apanhou-o o crocodilo.»; «Apareceu a mãe num repente.» A possibilidade de ocorrência de inversão livre Sujeito-Verbo é outra das propriedades associadas ao valor positivo do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Nestes alunos, deve assinalar-se que a concordância verbal é já proficiente, sendo muito reduzida a percentagem de verbos mal conjugados (6%): «E o menino choramingando pediu-lhe para que o levasse àquele disco grande e vermelho na pontinha do mar.» A percentagem de verbos mal conjugados consiste maioritariamente em erros de concordância verbal – por exemplo de pessoa ou número –, sendo a percentagem de infinitivos quase nula (3%): «Estes distritos, por sua vez, tem os seus sub-distritos.»

A omissão verbal surge, em 6 das 8 ocorrências, em orações em que o verbo é o mesmo, não se realizando na segunda oração, mas sendo possível e, assim, gramatical em Português: «As escolas de Díli actualmente correm bem, porque têm suficientes professores de Português, ao passo que nos distritos e sub-distritos não, por falta de professores de Português.»

Contudo, as duas ocorrências que não se incluem nesta situação surgem ainda em orações com verbo de cópula: «Os portugueses retiraram para a ilha de Ataúro e, mais tarde, os representantes foram para Portugal, enquanto o povo em guerra.»

## 7. Considerações finais

Segundo os resultados obtidos com a presente investigação e após a análise cuidadosa dos mesmos, no tocante aos efeitos da influência da L1 (Tétum) nas primeiras fases e nas fases mais avançadas da L2 (Português), nomeadamente no que se refere à transferência de propriedades morfológicas e sintácticas durante estes estádios de aprendizagem diferentes, os mesmos resultados constituem uma evidência para a verificação da Hipótese do Acesso Pleno / Transferência Plena (*Full Access / Full Transfer Hypothesis*), concebida por Schwartz e Sprouse (1994, 1996).

Nas primeiras fases, o falante realiza as estruturas da LP com base na sua gramática de Tétum, ou seja, sendo o Tétum uma língua de Sujeito obrigatoriamente realizado e com morfologia de concordância verbal pobre, estas propriedades são tidas em conta nas produções em Português. Parece existir, assim, transferência do valor negativo do Parâmetro do Sujeito Nulo do Tétum nestas fases.

Todavia, os dados recolhidos e examinados quanto ao estádio mais avançado sugerem que, no estádio de desenvolvimento, se procedeu a uma reestruturação do valor do parâmetro do Português não existente em Tétum, tendo em conta a GU.

No estádio mais avançado, esse parâmetro já está reestruturado. No entanto, há ainda alguns traços do Tétum, o que nos leva a concluir uma de duas hipóteses: ou estes falantes não estão de facto ainda no estádio final de aprendizagem da L2 ou, por outro lado, atingiram o estádio final de aprendizagem, mas houve alguma fossilização relativamente a estas propriedades. A existência de dificuldades persistentes na realização de propriedades morfológicas é, aliás, uma característica muito frequente do

processo de aquisição da L2, mesmo em falantes que atingiram um nível de proficiência quase nativo. Neste sentido, parece-nos mais coerente concluir que os aprendentes do segundo grupo se encontram em estádios que se presumem avançados de construção das suas gramáticas de interlíngua.

Os resultados do presente estudo não são, assim, compatíveis com as outras duas hipóteses. Em relação à Hipótese das Árvores Mínimas, embora esta hipótese prediga a possibilidade de adquirir valores de parâmetros não instanciados na L1, claramente não esperaríamos transferência destas propriedades funcionais, em nenhum momento do processo de aquisição.

No tocante à Hipótese da Diferença Fundamental, há evidência de transferência da L1 e, uma vez que não temos informação quanto ao percurso de desenvolvimento, não sabemos se as duas propriedades foram adquiridas simultaneamente ou em momentos diferentes, como propriedades independentes. No entanto, no estágio avançado, verificou-se a aquisição da propriedade associada à inversão do Sujeito, facto não observável nos textos produzidos pelos alunos do primeiro grupo. Esta ocorrência parece indicar que há outras propriedades associadas com o valor positivo do Parâmetro do Sujeito Nulo que também foram adquiridas, apontando estes resultados para a reestruturação do parâmetro referido, facto não previsto no enquadramento desta hipótese teórica.

Tendo em conta estas considerações, os resultados deste estudo deixam transparecer a profunda relevância que deverá ser atribuída à LM no processo de aquisição de L2, ou seja, do Tétum no processo de aquisição de LP. Todavia, que conhecimentos detêm os agentes do processo de ensino (editores, professores, educadores, etc.), que estão em Portugal e que estão no território timorense, acerca do Tétum ou de qualquer uma das outras línguas nacionais? Batóreo (2007a), a este respeito, assinala o seguinte:

“Tradicionalmente, em Portugal, sabe-se pouco sobre a realidade linguística timorense.”<sup>11</sup>

E acrescenta, ainda, baseando-se em Esperança (2007):

“O desconhecimento de Tétum e das outras línguas timorenses pelos professores do Português é considerado um dos pontos fulcrais desta situação. Incompreensivelmente para os críticos, no ensino administrado aos timorenses espera-se que os aprendentes adquiram proficiência na Língua Portuguesa com materiais preparados apenas na língua-alvo. Embora haja teorias que defendam este tipo de práticas para o ensino da língua segunda e estrangeira, a validade deste processo depende de muitos parâmetros (...). Os críticos apontam frustração, desmotivação e abandono escolar como resultados directos deste tipo de política.”<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> BATORÉO (2007a), p.4.

<sup>12</sup> BATORÉO (2007b), p.8.

Neste sentido, o problema principal parte justamente da base pedagógica em que assenta toda a concepção do ensino da LP no país. É de extrema necessidade considerar que os agentes de ensino precisam de possuir alguns conhecimentos das estruturas do Tétum. Este conhecimento revela-se de central importância para que os mesmos possam proceder a breves explicações na L1 dos alunos, assim como possam entender onde assentam, em particular, os problemas destes na aprendizagem, reconhecendo na sua interlíngua os parâmetros e as respectivas propriedades que, no processo de transferência, precisam de recurso à GU, requerendo maior atenção, pois não têm correspondência na L1.

Quais serão, então, os motivos para que os agentes de ensino de LP no contexto timorense, de um modo geral, “voltem as costas” à aprendizagem do Tétum? É importante termos em conta que aprender uma nova língua implica um grande esforço por parte de um indivíduo, tanto a nível pessoal, como a nível profissional, não só pelo tempo dispendido na aprendizagem da língua, como pela necessidade de empenho e pelas dificuldades provenientes dessa mesma aprendizagem. E, se a nível profissional este esforço poderia trazer frutos ao nível dos resultados dos alunos, a nível pessoal, os agentes de ensino não encontram nesta aprendizagem qualquer benefício, nem a nível financeiro (porque mantêm o seu posto de trabalho e continuam a obter os seus dividendos, mesmo sem deterem este conhecimento), nem do ponto de vista da utilidade da língua fora do território timorense. Isto mesmo aponta Esperança (citado por Batoréo 2007b):

*“Muitos portugueses em Timor, incluindo alguns professores, têm uma visão eurocêntrica da realidade linguística local e agem como se a língua portuguesa fosse a panaceia universal capaz de resolver todas as dificuldades do país. (...) Dizem orgulhosamente que não lhes apetece perder tempo a estudar tétum porque é uma língua que não serve para nada e que estão em Timor é para ensinar português.”<sup>13</sup>*

Poderemos, todavia, qualificar este comportamento, de um ponto de vista pedagógico, como “sentido de profissionalismo”? A resposta negativa impõe-se de forma evidente.

No entanto, Esperança (citado por Batoréo, 2007b) apelida esta atitude de outra forma:

*“Seria necessário mudar a mentalidade colonialista/colonizada no que se refere à forma como se olha para a língua nacional de Timor-Leste. Muitas percepções incorrectas devem-se apenas ao eurocentrismo.”<sup>14</sup>*

A atitude “eurocêntrica”, referida nesta citação, é também criticada por Geoffrey Hull (citado por Batoréo, 2007b, que, por sua vez se apoia na referência que a ele faz

---

<sup>13</sup> BATORÉO (2007b), p.8.

<sup>14</sup> BATORÉO (2007b), p.9.

Moura, 2007, p.3), de forma mais contundente, demonstrando este investigador que a atitude dos agentes de ensino (referindo-se expressamente aos professores) em relação ao Tétum deverá ser alterada de imediato, correndo o risco de ser interpretada pelos aprendentes como uma falta de respeito em relação à sua língua e como parte de uma intenção neocolonialista, que deverá ser desmistificada:

“É oportuno recomendar a todos os indivíduos que venham a Timor como professores de português que façam o esforço de aprender o tétum. Tal gesto de respeito pela língua partilhada pela maioria da população iria comprovar a todos que o trabalho de restauração da língua portuguesa em Timor-Leste não tem qualquer agenda neocolonialista.”<sup>15</sup>

## 8. Referências bibliográficas

- Batoréo, Hanna (2007a) Enquadramento cognitivo para a estrutura narrativa: uma proposta de olhar para a narrativa a partir da perspectiva da Linguística Cognitiva de Leonard Talmy. *Veredas*, Revista da Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, Brasil.
- Batoréo, Hanna (2007b) Ensinar Português no enquadramento poliglóstico de Timor-Leste. *Língua Portuguesa: Identidade, Difusão e Variabilidade*, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
- Batoréo, Hanna (2008) A Língua Portuguesa em Timor: de que forma deve o ensino de Português adaptar-se às diferentes realidades nacionais?”. [Texto apresentado no *Encontro sobre Português como Língua não Materna* da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 11 e 12 de Abril de 2008].
- Bley-Vroman, Robert & Yoshinaga, Naoko (1992) Broad and narrow constraints on the English dative alternation: Some fundamental differences between native speakers and foreign language learners. *University of Hawaii's Working Papers in ESL* (11), pp. 157-199.
- Carvalho, Maria (2001) Panorama Linguístico de Timor. Identidade Regional, Nacional e Pessoal. *Revista Camões* 14, pp. 67-79.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht: Foris Publisher.
- Doughty, Catherine & Long, Michael (eds.) (2003) *The Handbook of Second Language Acquisition*, Oxford: Blackwell Publishing.
- Ellis, Rod (1985) *Understanding Second Language Acquisition*, Oxford: Oxford University Press.
- Ellis, Rod (2003) *The Study of Second Language Acquisition*, Oxford: Oxford University Press.

---

<sup>15</sup> BATORÉO (2007b), p.9.

- Esperança, João (2007) Ensinar Português em Timor. <http://timor2006.blogspot.com/2007/06/ensinar-portugus-em-timor.html#comments> e <http://timor2006.blogspot.com/2007/09/ensinar-portugus-em-timor-ii.html#comments> (accedidos em Fevereiro de 2009).
- Gertil (2002) *Atlas de Timor-Leste*, Lisboa: Lidel – Edições Técnicas.
- Hawkins, Roger (2001) *Second Language Syntax: A Generative Introduction*, Oxford: Blackwell Publishing.
- Hull, Geoffrey (2000) Timor-Leste. Identidade, Língua e Política Educacional. Congresso do CNRT, Díli: Instituto Camões.
- Hull, Geoffrey & Eccles, Lance (2005) *Gramática da Língua Tétum*, Lisboa: Lidel – Edições Técnicas.
- Lantolf, James (1990) Reassessing the Null-Subject Parameter in Second Language Acquisition. Conference presented at the Annual Second Language Research Forum, Eugene: s.e.
- Liceras, Juana (1989) On some properties of the pro-drop parameter: Looking for missing subjects in non-native Spanish. In S. M. Gass e J. Schachter (eds) *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 109-133.
- Madeira, Ana (2008) Aquisição de L2. In P. Osório e R. Meyer (coord.) *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira*, Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, pp.189-203.
- Moura, Paulo (2007) Português, tétum ou ‘tétuguês’. *Público* (07.05.2007).
- Schwartz, Bonnie & Sprouse, Rex (1994) Word order and nominative case in non-native acquisition: A longitudinal study of (L1 Turkish) German interlanguage. In T. Hoekstra e B. D. Schwartz (eds.) *Language Acquisition Studies in Generative Grammar*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 317-368.
- Schwartz, Bonnie & Sprouse, Rex (1996) L2 cognitive states and the Full Transfer/Full Access model. *Second Language Research* (12): pp. 40-72.
- Towell, Richard & Hawkins, Roger (1994) *Approaches to Second Language Acquisition*, Clevedon: Multilingual Matters.
- Vainikka, Anne & Young-Scholten, Martha (1994) Direct access to X'-theory: evidence from Korean and Turkish adults learning German. In T. Hoekstra e B. D. Schwartz (eds) *Language Acquisition Studies in Generative Grammar: Papers in Honor of Kenneth Wexler from the 1991 GLOW Workshops*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Vainikka, Anne & Young-Scholten, Martha (1996) Gradual development of L2 phrase structure. *Second Language Research* (12): pp. 7-39.
- White, Lydia (2003) *Second Language Acquisition and Universal Grammar*, Cambridge: Cambridge University Press.